

CONTATO LINGUÍSTICO ENTRE AS LÍNGUAS TERENA E PORTUGUESA: OBSERVAÇÕES SOBRE A ALDEIA MOREIRA, NO MATO GROSSO DO SUL

Joadir Ferreira da Silva (UFMS/CPAQ)
joadirgarden@gmail.com

Flavio da Rocha Benayon (UFMS/CPAQ)
flavio.benayon@ufms.br

Resumo: O presente trabalho aborda o contato linguístico entre a língua portuguesa e a língua indígena terena. O objetivo é identificar e analisar palavras que têm origem no português e foram assimiladas e alteradas pelos falantes terena em seu cotidiano. A pesquisa foi feita por meio da observação pessoal de conversas em família, no dia a dia, sendo todos falantes nativos da língua terena. Durante o estudo, foi possível perceber que muitas palavras ligadas à tecnologia e a objetos modernos foram assimiladas e alteradas, adequando-se à fonética da língua indígena. Os resultados mostram que o contato com o português trouxe novas palavras para o vocabulário terena e que isso resulta em um processo de adaptação linguística. Conclui-se que as alterações fonéticas mostram a força e a criatividade do povo terena, que continua mantendo viva sua língua, mesmo com a forte influência do português.

Palavras-chave: língua terena; influência do português; adaptação linguística; contato linguístico; empréstimo linguístico.

Abstract: This work discusses the contact between the Portuguese language and the terena Indigenous language. The objective is to identify and analyze words that came from Portuguese and were introduced and adapted by terena speakers in their daily lives. The research was carried out through the observation of family conversations and interviews with people who speak the terena language. During the study, it was possible to notice that many words related to technology and modern objects were introduced and changed to fit the phonology of the Indigenous language. The results show that contact with Portuguese brought new words to the terena vocabulary and that this is part of a process of linguistic adaptation. It is concluded that these changes show the strength and creativity of the terena people, who continue to keep their language alive even under the strong influence of a dominant language.

Keywords: Terena language; Portuguese influence; linguistic adaptation; language contact; linguistic borrowing.

Introdução

A presente pesquisa propõe investigar as palavras importadas da língua portuguesa para a língua terena e como o contato linguístico contribui para a formação de um vocabulário próprio, constituído por transformações e modificações fonéticas e lexicais ocorridas na língua



indígena, em seu uso atual. Os processos de transformação e modificação evidenciam como o contato entre as línguas mencionadas resulta na incorporação de novos vocábulos, que passam a refletir as regras sonoras e estruturais próprias da língua terena.

Ao delimitarmos como objetivo de nosso estudo a presença de palavras da língua portuguesa na língua terena, torna-se necessário, para realizar uma diferenciação, compreender o fenômeno conhecido como português indígena. Segundo Peixoto (2020, p.39): “No português indígena, ou português de contato, observam-se interferências tanto fonéticas quanto gramaticais derivadas das línguas indígenas, por exemplo, na fala de grupos Ticuna, Camaiurá, Xinguano ou Huni Kuin”. No português indígena, a gramática nativa do português se articula com os elementos linguísticos da língua indígena.

No presente trabalho, seguimos a direção inversa, isto é, buscamos compreender como a língua portuguesa, enquanto segunda língua, concorre para a produção de novas palavras na língua terena falada na Aldeia Moreira, localizada em Miranda, no estado de Mato Grosso do Sul. O português indígena é uma variedade da língua portuguesa marcada pelas estruturas, sonoridades e modos de falar de línguas indígenas. Compreendemos que essa variedade é uma forma legítima de falar, marcada pela história e pelas vivências dos povos indígenas, no entanto, tomamos por objetivo compreender as estruturas, sonoridades e modos de falar do português na forma como se inscreve na língua terena.

1. A língua terena falada na Aldeia Moreira

A Sociolinguística Variacionista, ao estudar as línguas, entende que a variação e a mudança linguística acontecem de forma natural entre os falantes. De acordo com Fernando Tarallo (1986), as pessoas falam de modos diferentes dependendo do lugar onde vivem, da idade, das situações do dia a dia, entre outros fatores. Na língua terena falada na Aldeia Moreira, podemos ver essas variações na fala, no uso de palavras e também na influência do português, que aparece de formas diferentes em cada região. A variação regional, também conhecida como diatópica, compreendida como “associada a distâncias espaciais entre cidades, estados, regiões ou países diferentes” (CEZARIO, VOTRE, 2011, p.144), mostra como o modo de falar dos terenas da Aldeia Moreira pode ser diferente do modo de falar de outras aldeias. Essas diferenças mostram que a língua está viva e que o povo terena continua se adaptando.

A Aldeia Moreira, localizada no estado de Mato Grosso do Sul, região Centro-Oeste do Brasil, é uma das nove comunidades que compõe o município de Miranda. Por ser situada

próxima à cidade, a cerca de 3 quilômetros da área urbana, é considerada uma aldeia urbana. A população local vive em constante diálogo com a preservação das práticas culturais e com os desafios impostos pela urbanização e pela influência da sociedade ao redor.

Os terenas da Aldeia Moreira mantêm diversas tradições, como o uso da língua materna, práticas agrícolas comunitárias, festas tradicionais e espiritualidade indígena. No entanto, a convivência com a cidade de Miranda, as escolas que ensinam prioritariamente a língua portuguesa e a necessidade de inserção no mercado de trabalho têm intensificado o contato com o português, provocando efeitos diretos sobre a manutenção e vitalidade da língua terena.

Segundo Sebastião (2016, p.94), ao citar Rodrigues (1994), os terenas fazem parte do subgrupo Guaná e são oriundos do tronco linguístico Aruak. Esse tronco linguístico deu origem a inúmeras línguas faladas na América Latina, como na Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa e em algumas ilhas das Antilhas. A língua terena passou a sofrer um processo de enfraquecimento com a imposição do português como língua oficial do Estado, ensinada nas instituições escolares. Durante muito tempo, falar terena era visto como um obstáculo à integração, o que levou muitas famílias a priorizarem o português não apenas em situações formais, mas até mesmo em casa e no dia a dia, contribuindo para um processo de enfraquecimento da língua indígena.

Segundo Peixoto (2020, p. 40),

O contato entre as línguas dos povos indígenas e o português cria uma situação linguística em que os falantes indígenas são levados a utilizar alternadamente línguas diferentes, conforme as diferentes situações de interação social. No Brasil, país em que o português é a língua oficial nacional, os grupos indígenas utilizam suas línguas maternas nas atividades da vida cotidiana, mas, em situações formais e públicas, são levados a utilizar a língua do Estado.

Na Aldeia Moreira, a língua terena ainda é falada por muitas pessoas, mas o português tem se tornado cada vez mais presente. A necessidade de utilizar o português, enquanto língua do Estado, em situações formais e públicas, fez com que o terena fosse colocado em segundo plano, como língua não oficial. As pessoas mais velhas costumam falar mais a língua indígena, principalmente dentro de casa e em conversas entre parentes, já os mais jovens entendem a língua, mas falam mais o português, principalmente na escola e em lugares fora da aldeia. Isso mostra que pode estar em curso uma troca da língua indígena pela língua portuguesa em várias situações. Mesmo assim, muitos moradores da aldeia têm se preocupado em manter viva a língua materna, ensinando as crianças e usando o idioma em reuniões, festas e momentos



culturais. Falar sobre minha língua terena é uma forma de mostrar orgulho e de continuar preservando a minha identidade e a do povo.

2. Implicações pessoais no contato entre a língua terena e a língua portuguesa

Ao refletir sobre a minha realidade e a de sujeitos em situação semelhante – no caso, em que, nós indígenas, aprendemos o português em situação de desigualdade, pressão social, sendo obrigados a falar outra língua, marcada por conflitos, perdas e resistências no uso da linguagem –, é possível analisar que um dos conceitos centrais é o de português indígena. Essa noção é compreendida como uma variedade do português falada por quem carrega traços de suas línguas originárias.

Em meu caso, desde muito cedo, fui exposto ao português como língua de sobrevivência social fora da aldeia, enquanto o terena, minha língua materna, foi gradualmente silenciado. A forma como aprendi e uso o português está marcada por esse contexto de deslocamento e imposição. O que muitos poderiam considerar como “erro” no uso do português, hoje entendo que é resultado de um contato linguístico real e complexo.

Atualmente, carrego um sentimento de cobrança constante por não falar fluentemente a minha própria língua indígena. Essa situação me coloca em um lugar de conflito interno, pois, ao mesmo tempo em que reconheço a importância da língua terena como parte essencial da minha identidade cultural, também percebo as consequências históricas e sociais que levaram ao enfraquecimento do seu uso no meu cotidiano. Muitas vezes, essa cobrança não vem apenas de fora, da comunidade ou da sociedade em geral, mas também de mim mesmo, como uma autocobrança que desperta sentimento de frustração.

Essa realidade de se viver entre dois mundos linguísticos – de um lado, a necessidade de dominar o português como língua de comunicação social, escolar e profissional; de outro, o desejo de manter viva a língua originária, que carrega memórias, histórias e saberes do meu povo – é um desafio que eu enfrento todos os dias na minha vida. Estar nesse espaço de fronteira, entre o português e o terena, significa lidar diariamente com as marcas do contato linguístico, do preconceito e da pressão cultural.

O contato linguístico se apresenta em minha história não apenas como um fenômeno linguístico, mas também como um choque cultural e identitário. O português, ao se impor como língua socialmente dominante, não apenas ocupa o espaço da língua terena na minha fala, mas



também carrega consigo um conjunto de valores sociais que marginalizam a identidade indígena.

A noção de contato linguístico pode ser definida, conforme Schneiders, Busse, Salvini (2020, p.103), como “quando há em uma dada sociedade a coexistência de duas ou mais línguas, podendo, essa coexistência, também ser chamada de bilinguismo social”. Na Aldeia Moreira, em Miranda, ocorre a coexistência da língua terena com a língua portuguesa, confirmando, portanto, a existência do contato linguístico, o que, por vezes, resulta na assimilação das palavras de uma língua por outra.

No caso da língua terena, observam-se, por exemplo, palavras do português adaptadas à fonética terena, como a palavra "kilo", que pode ser foneticamente transcrita como [ki.‘lu], com sílaba tônica [lu], em vez de [ki]. Isso demonstra a flexibilidade e criatividade dos falantes indígenas na apropriação do português, sem deixar de lado sua própria língua. Contudo, também existem palavras que permanecem praticamente idênticas em seu uso, como “avião”, “bicicleta”, “moto” e “mercado”, o que revela a convivência entre formas adaptadas e originais dentro do repertório linguístico terena.

Os empréstimos não podem ser reduzidos a sinais de perda linguística, já que também podem ser o indicio da resistência e da adaptação cultural de um povo. O presente texto, então, busca valorizar como a língua terena incorpora palavras do português, entendendo de que forma o contato linguístico fortalece as identidades indígenas, mesmo em contextos de pressão para abandonar a língua materna. O estudo do terena em relação ao português tomado como segunda língua (L2) em contextos indígenas possibilita compreender minha própria trajetória linguística enquanto indígena terena vivendo próximo a contextos urbanos.

A assimilação de palavras do português pelo terena não corresponde apenas a “copiar a palavra”, mas a adaptá-la ao sistema sonoro e às regras da língua que a recebe. Por isso, em terena, por exemplo, “laranja” virou [na.rã.‘ga], com sílaba tônica [ga], pois a língua ajusta a pronúncia para ficar de acordo com seu padrão fonético. A apropriação de palavras do português dentro da estrutura fonética da língua terena, como no exemplo da palavra “açúcar”, que em terena fica [a.fu.‘ka], com sílaba tônica em [ka], demonstra que os empréstimos não significam apenas perda, mas também criatividade. Em minha vivência e no retorno à aldeia, percebi como a língua terena incorporou termos do português, adaptando-os às suas regras próprias, o que reafirma a resistência da língua, mesmo em meio às pressões externas.

Esta proposta de investigação oferece um olhar crítico para interpretar minha própria história. A relação entre o português e o terena, na minha trajetória, é marcada por um complexo de inferioridade, mas também por resistência e reinvenção. Entender esses processos por meio da Linguística é um caminho para revalorizar minha identidade, fortalecer minha língua materna e contribuir para que outras histórias indígenas possam ser contadas e reconhecidas com a dignidade que merecem.

3. O contato e o empréstimo linguísticos entre as línguas terena e portuguesa

O contato entre diferentes línguas pode resultar em um fenômeno conhecido como empréstimo linguístico. Conforme Silva (2021, p.3), em um sentido lato, esse processo “se refere à importação de qualquer fenômeno linguístico: afixo, desinência, unidade lexical, expressão poliléxica, construção sintática, conceito, etc.”. No estudo de palavras do português incorporadas à língua terena, há o funcionamento do empréstimo lexical, pois uma unidade lexical de uma língua é importada por outra.

No caso do povo terena, o contato com o português resultou na incorporação de diversos termos que não existiam originalmente na língua e que foram adaptados à fonética e à gramática terena. Um processo comum em situações de contato linguístico ocorre quando termos de uma língua são incorporados a outra, geralmente para nomear conceitos, objetos ou tecnologias que não existiam no contexto cultural original. Na língua terena, destacam-se empréstimos relacionados a objetos modernos, avanços tecnológicos e termos de uso cotidiano, tais como: bicicleta, carro, máquina de lavar, hospital, médico, mercado, moletom, avião, etc.

Essas observações foram feitas a partir do registro pessoal de conversas realizadas por minha mãe, minha tia e meu tio, falantes nativos da língua terena, em reuniões do dia a dia, o que demonstra como o empréstimo linguístico está presente de forma natural e contínua na comunicação familiar e na comunidade. Percebe-se que, durante a conversação em terena, os falantes frequentemente inserem os empréstimos lexicais do português em diferentes assuntos

A partir das observações realizadas, por meio do registro pessoal de conversas entre familiares, algumas palavras são listadas para análise fonética.

3.1. Empréstimos para objetos modernos ou tecnológicos

Com o avanço da tecnologia e a chegada de novos objetos e serviços na comunidade indígena, a língua terena incorporou em seu léxico palavras novas para se referir a coisas que



antes não existiam na cultura. Essa mudança é importante para que a língua continue viva, permitindo que os falantes se expressem sobre situações novas sem perder a forma da sua própria língua.

Algumas palavras não sofrem alterações fonéticas, como ocorre em:

- a) Koêti káxe lko'ítukeiyea hospital (Todos os dias ele trabalha no hospital)
- b) Induké moto (É a minha moto)
- c) Hingá xoco mercado (Vamos ao mercado)

As palavras “hospital”, “moto” e “mercado”, exemplos de empréstimo linguístico do português para a língua terena, presentes nas frases coletadas e exibidas acima, não apresentam alterações na pronúncia e na tonicidade. Os locais (hospital, mercado) e o objeto (moto) designados por essas palavras, sendo modernos e/ou tecnológicos, não existiam na cultura terena, portanto, essas palavras também não existiam. Ressalta-se que esses empréstimos não sofrem nenhuma alteração fonética, ou seja, são falados exatamente como no português. Os falantes formulam a frase na estrutura da língua terena, mas, quando as palavras assimiladas são faladas, é utilizada a estrutura fonética do português. Isso mostra como a língua vai se adaptando para dar conta de novas realidades e elementos que não faziam parte da vida do povo terena de antigamente.

3.2. Empréstimos linguísticos para frutas

Alguns empréstimos lexicais se assemelham à língua portuguesa, apresentando pequenas alterações. Abaixo, há vocábulos que, embora tenham origem no português, passam por adaptações fonéticas na língua terena. Diferentemente dos casos anteriores, em que não havia mudança nenhuma, nos exemplos a seguir ocorre transformação na pronúncia. Ainda assim, as palavras continuam muito próximas de sua forma no português.

- d) Itíveti mangá (A manga está doce)
- e) Niké panãná (Come a banana)
- f) Induké narangà (É minha a laranja)

Nos casos transcritos acima, há pequenas alterações fonéticas, como em [mã.‘ga], cuja sílaba tônica passa a ser [ga]; em [pa.nã.‘na], em que há a troca de [b] por [p] e a mudança de sílaba tônica, tornando-se uma palavra oxítônica; e em [na.rã.‘ga], em que há a troca de [l] por [n] e de [ʒ] por [g], além da alteração da sílaba tônica, que se torna a última. A diferença mais



recorrente está na tonicidade, pois enquanto a sílaba mais forte comparece na penúltima posição em português, a tonicidade recai sobre a última sílaba em terena: [mã.‘gá], [pa.nã.‘ná], [na.rã.‘gá]. As alterações apontadas indicam como a língua terena adapta os empréstimos lexicais de acordo com a sua própria estrutura sonora, mantendo a identidade linguística mesmo ao incorporar palavras de outra língua.

3.3. Empréstimos linguísticos para família

As palavras do português, como observado nos exemplos anteriores, no processo de empréstimo linguístico, são frequentemente adaptadas para as regras da língua terena. Um exemplo notável desse processo ocorre com os substantivos pai e mãe, que, ao serem incorporados, passaram a ser escritos como “Pepai’ná” e “Memãe’ná” e pronunciados como [pe.paj.‘ná] e [me.mãj.‘ná], respectivamente.

Essas palavras, derivadas de empréstimo linguístico, no entanto, têm variantes na forma original da língua: “zaa” (pai) e “enó” (mãe). Por exemplo, na forma original, a frase “Xikóyoke óvo ne zaa” significa “Seu pai está com você”. Já na forma assimilada do português, a estrutura passa a ser “Xikóyoke óvo Pepai’ná îti”, mantendo o sentido, mas incorporando o empréstimo adaptado à fonética terena.

A presença das formas “Pepai’ná” e “Memãe’ná”, de um lado, e “zaa” e “enó”, de outro, ilustra o fenômeno da variação, onde há variantes em disputa, isto é, formas diferentes de se referir a um mesmo elemento. Conforme Tarallo (1986, p.8), “‘variantes linguísticas’ são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. No caso aqui estudado, a variação ocorre pela presença constante do português na vida cotidiana, o que resulta na incorporação de palavras pela língua indígena. A disputa entre as variantes mencionadas, portanto, tem sua origem no empréstimo lexical.

Percebe-se que as diferentes formas linguísticas para “pai” e “mãe” comunicam a mesma ideia, mas, enquanto “zaa” e “enó” preservam o vocabulário tradicional terena, “Pepai’ná” e “Memãe’ná” marcam a incorporação de um empréstimo linguístico originado na língua portuguesa e assimilado pela língua terena. É preciso ainda considerar que as variantes linguísticas estão em disputa, ou seja, uma forma busca estabilidade sobre a outra. Esse tipo de situação mostra como a língua terena está em constante movimento. As variantes em disputa evidenciam tanto a resistência presente na manutenção da forma linguística original, quanto a resistência presente na adaptação fonética ocorrida na palavra em português, cuja influência é



resultado histórico do contato e da convivência entre os dois povos. Do ponto de vista da Sociolinguística Variacionista, trata-se de um exemplo de variação, no qual diferentes formas concorrem pela dominância dentro da comunidade de fala, e que futuramente pode resultar em um processo de mudança.

Ao considerar o funcionamento das variantes linguísticas, também é possível falar em forma conservadora e forma inovadora. A variante conservadora é aquela que está a mais tempo na língua, e que, com frequência, é também aquela que é a forma de maior prestígio, como “zaa” e “enó”. Já a variante inovadora é a que, como novidade, se opõe à conservadora e, no caso, surgiu a partir da influência do português, como “Pepai’ná” e “Memãe’ná”.

Nos exemplos abaixo, podemos observar uma forma conservadora e uma inovadora:

- g) Variante conservadora: Xikóyoke óvo ne zaa (Seu pai está com você)
- h) Variante inovadora: Xikóyoke óvo Pepai’ná îti (Seu pai está com você)

As duas formas têm o mesmo significado, mas a conservadora mostra a preservação da tradição da língua, enquanto a inovadora mostra a mudança que acontece pelo contato com o português, ainda que tenha sofrido alterações fonéticas. Isso ajuda a entender como a língua terena está sempre em movimento, equilibrando entre manter o que é antigo e criar formas novas.

3.4. Empréstimos linguísticos para números

Em terena, não existem originalmente os números de 4 a 9. Por isso, com o contato com o português, foram feitas adaptações fonéticas para que esses números fossem incorporados na língua. Assim, surgiram formas que se aproximam da escrita e da pronúncia do português, mas seguem o padrão da língua indígena.

Alguns exemplos são:

- i) Koaturú (quatro)
- j) Cingú (cinco)
- k) Seí (seis)
- l) Seté (sete)
- m) Oitú (oito)
- n) Noví (nove)

Devemos considerar que, diferentemente da língua portuguesa, em terena, a tonicidade frequentemente recai sobre a última sílaba. A maior parte dos números exemplificados deixa



de ser classificada como uma palavra paroxítona para se tornar oxítona, com exceção de “seis”, que também é oxítona em português. Isso faz com que a pronúncia seja diferente, mesmo sendo parecida com a língua de origem.

No exemplo a seguir, há a presença do número “cinco” em uma frase:

o) Perexa cingú rêa (Me dê cinco reais)

A palavra “cinco”, cuja tonicidade recai sobre a penúltima sílaba, “cin”, passa a ser transcrita como [sĩ.‘gu], com sílaba tônica em [gu], ou seja, na última posição. O empréstimo linguístico exemplificado pelos números aponta para como a língua terena incorpora elementos de fora de seu sistema, adaptando-os a sua estrutura, como forma de contribuir com compreensões que não existiam anteriormente.

Considerações finais

O contato entre a língua portuguesa e a língua terena é um processo permeado por alterações, adaptações e resistência. Muitas palavras do português entraram na língua terena e foram modificadas respeitando as regras de seu sistema linguístico ou, em outras palavras, de seu jeito de falar. Isso mostra não só a força do português como língua dominante, mas também a criatividade dos terenas em transformar essas palavras, a partir de um processo inconsciente.

Os empréstimos linguísticos não significam apenas que a língua indígena está enfraquecendo. Eles também são uma forma de manter a cultura viva, já que a língua terena recebe algumas palavras e as adapta, mostrando que seu sistema linguístico continua vivo.

Em contraponto, o funcionamento do empréstimo linguístico também realça a dificuldade que os indígenas vivem no dia a dia. De um lado, precisam usar o português para a vida social, escolar e profissional; de outro, sentem a responsabilidade de manter sua língua materna viva, já que guarda a memória e a identidade do povo.

Estudar os empréstimos linguísticos do português para a língua terena é também entender a minha história, enquanto indígena, e a história dos povos originários, com seus conflitos e adaptações. Mais do que mudanças no som ou no vocabulário, este trabalho valoriza a língua terena como parte essencial da identidade, da memória e da resistência indígena.

Referências



CEZARIO, Maria, VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In.: MARTELOTTA, Mário. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

PEIXOTO, Jaqueline dos Santos. O contato do português com as línguas indígenas brasileiras: considerações sobre o desenvolvimento de L2. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v.12, n.1, p. 35-49, nov. de 2020.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras, para o conhecimento das línguas indígenas**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SCHNEIDERS, Michele, BUSSE, Sanimar, SALVINI, Rafaella. O contato linguístico no Brasil: o que as pesquisas nos mostram? **Web Revista Sociodialeto**, v.11, n.32, 101–112, 2020.

SEBASTIÃO, Lindomar. A diáspora Guaná (Terena) no pós-guerra da Tríplice Aliança e os reflexos em seus territórios no estado de Mato Grosso do Sul. **Revista Tellus**, n.30, 2016.

SILVA, Fernando. Acheegas ao fenômeno do empréstimo linguístico: redefinindo os termos empréstimo e estrangeirismo. **Revista Ícone**, v.20, n.2, jun. de 2021.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).